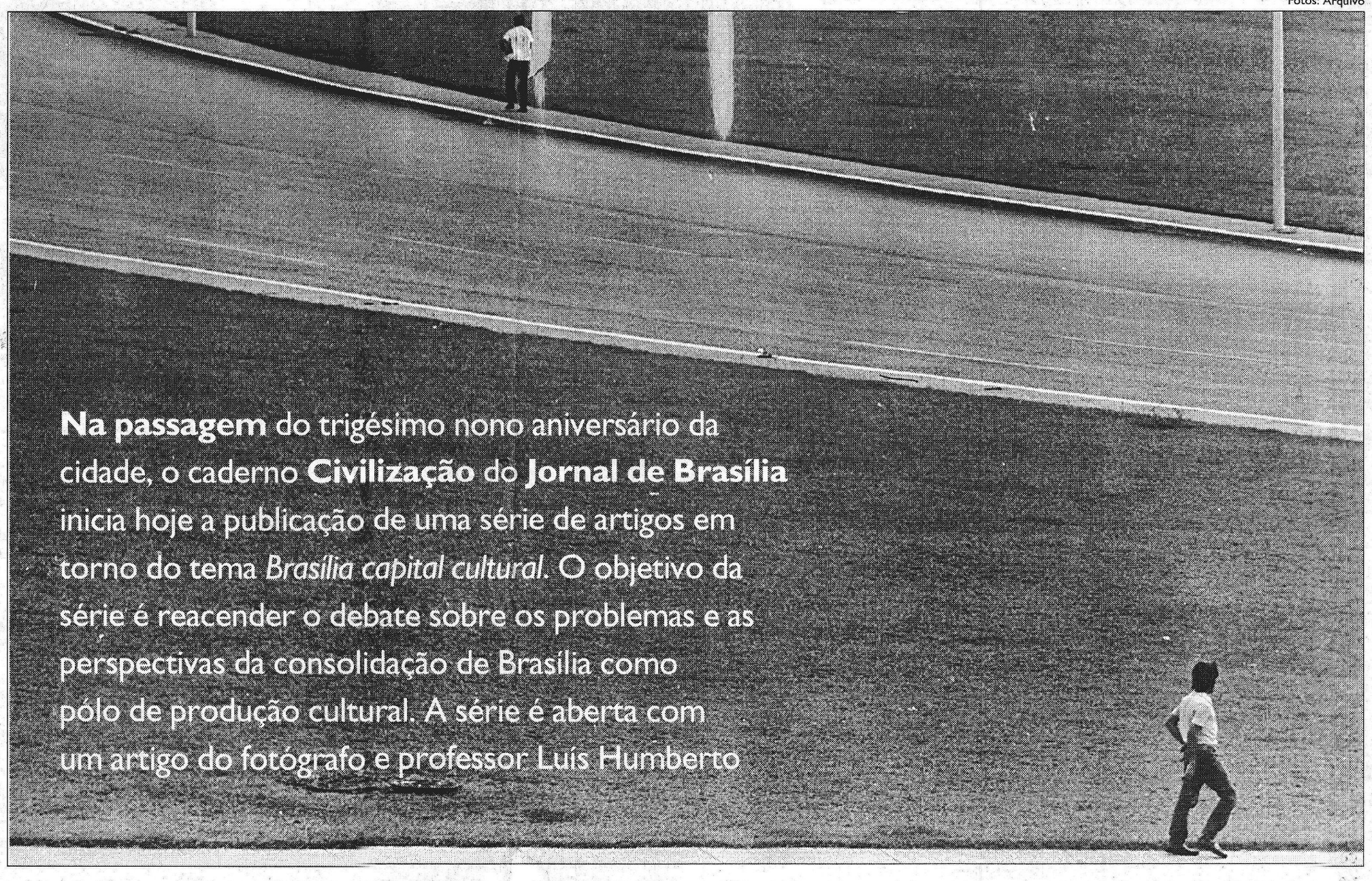
Brasília, capital da esperança?

Fotos: Arquivo



Na passagem do trigésimo nono aniversário da cidade, o caderno **Civilização** do **Jornal de Brasília** inicia hoje a publicação de uma série de artigos em torno do tema *Brasília capital cultural*. O objetivo da série é reacender o debate sobre os problemas e as perspectivas da consolidação de Brasília como pólo de produção cultural. A série é aberta com um artigo do fotógrafo e professor Luís Humberto

A idéia de Brasília enquanto um centro acolhedor da pluralidade nacional e irradiador de um conhecimento transformador, nada tem de insana ou pretenciosa, se considerarmos a época que deu origem à sua criação.

No final da década de 50 vivíamos a clara percepção do nosso poder de inovação e da viabilidade de uma nação a ser construída.

Cinema Novo, Bossa Nova, a indústria automobilística afirmavam-nos como capazes e, juntando-se à Arquitetura já reconhecida internacionalmente, davam densidade e tornavam mais visíveis nossos talentos até então restritos ao plano nacional.

Brasília foi a culminância de um processo cultural extremamente rico: a capital do país, concebida e construída pela inteligência e pelo trabalho dos brasileiros.

Surpreendeu e continua a encantar o mundo, apesar dos esforços das Cassandras que, enfileiradas no tempo, procuram negar os ganhos e a localizar desastres e fracassos.

Mas uma cidade não se faz apenas com planejamento físico, para crescer ela depende da sensibilidade, da apropriação amorosa por parte de seus habitantes e, sobretudo, de políticas públicas definidas com nitidez e aplicadas com decisão. Sem isso sua alma não se constituirá.

Os generosos horizontes do Planalto Central deveriam ser um estímulo ao pensar, ao convívio pacífico e à recusa da angústia já sentida em outras cidades.

Um plano educacional, de Anísio Teixeira, é implantado junto com a própria cidade e a Universidade de Brasília, em 62, nasce com o compromisso de fidelidade a dois princípios básicos: a busca de soluções para os problemas nacionais e a lealdade aos padrões internacionais do saber.

Estavam lançadas as bases que se bem manejadas, poderiam dar grandeza ao sonho. O resto caberia à existência de liberdade e ao respeito à diversidade.

Pretendia-se que a própria cidade com seus novos espaços, propiciasse um convívio mais amoroso e fraterno. Com isso, o ser humano cresce e alcança dimensões inimagináveis.

Mas, a história não se acumplicia com as boas causas e as intenções de criar beleza, ela é feita pelo homem, esse troglodita-astronauta, com um trajeto ainda tortuoso e áspero a percorrer para vir a ser habitante de seus próprios sonhos.

Em 1964, ocorre o golpe militar atinge Brasília com apenas 4 anos, ainda sem densidade político-cultural que lhe permitisse resistir. Com truculência, seu processo de crescimento foi interrompido.

Revoga-se a liberdade de expressão. Vigia-se a criação que depende de liberdade, encontro e troca.

Não sendo permitida a livre manifestação sobre as questões da vida nacional, suprime-se a experiência política com os evidentes reflexos na formação dos quadros partidários.

No vácuo, aparecem políticos sem história, oportunistas, clientelista, e desqualificados. Rufiões da miséria, apresentam-se como salvadores das vítimas das desgraças por eles mesmos causadas. O plano de Anísio é triturado, contaminado pela suspeição que cai sobre seu criador e sobre toda e qualquer manifestação de inteligência. O mesmo se dá com a UnB por força do perfil intelectualmente insuportável, para a ditadura, de Darcy Ribeiro. Sombra e medo.

O homem é um ser que, quando submetido à derrota não deixa que ela seja definitiva.

A luta demorada de 21 anos, leva o país à retomada da democracia formal e, mesmo com um herói cuja história não era do agrado de todos, emergimos da névoa em busca do sol. Subitamente a morte do símbolo entronizado e, ironia das ironias, assume um dos melhores aliados dos anos de chumbo, vice de um presidente não empossado.

Passam-se os anos e o pesadelo é reinaugurado. Voltamos a eleger diretamente um presidente. Do meio de candidatos com história política verdadeira, escolhemos uma farsa fabricada pela mídia calculada e friamente.

Olha o país negociado no varejo. O olhar de menino mau indica desequilíbrio. Paciência tem limite, o atilado rapaz é despejado. Do meio do pó, perde o poder, sem perder a pose. Vem seu homônimo, com passado confiável, elegante e poliglota. "Esqueçam tudo que eu escrevi...". No convite à amnésia, desarticula a economia, entregando o que pode, camuflando tudo com a redução da inflação, certo de uma modernidade suspeitíssima. Viaja para parecer um estadista, mesmo que sem causas relevantes.

Candidata-se à reeleição e consegue. Deve haver um forte veio sado-masoquista que alimenta essas coisas.

Desmonta o que faltava e atribui aos aposentados e funcionários públicos todas e mais algumas desgraças do país. Submete-se aos deuses alienígenas e a imperial moeda revela-se uma mentira.

Susto, frustração, violência, desemprego. Explicações sempre existem, temperadas com um cinismo constante.

Quem votou nele? Ninguém se apresenta. Quando viemos crescer? Sem a educação que informa e forma a visão crítica da vida, nunca! Continuaremos a viver as novelas e a acreditar nos telejornais.

E Brasília nisso tudo?

O país sofre uma doença sistêmica. Desorganizado e seriamente lesado em seu sistema público de educação, vê sua inteligência desperdiçada em um cotidiano difícil, manifestando-se pontualmente, perdendo cada vez mais sua força transformadora.

O que sucede a uma cidade como Brasília que vê sua população crescer assustadoramente, sem o necessário suporte para garantir-lhe níveis decentes de cidadania?

Acentuam-se as desigualdades sociais e o ressentimento aparece. Tudo isso decorrente de um projeto irresponsável para ampliar as bases eleitorais e garantir o poder tão indefinidamente quanto possível, favorecendo políticos oportunistas que se beneficiam - descaradamente - da coisa pública.

Ignorância e carência tornam as pessoas vulneráveis a promessas e afagos. Gratos pelas migalhas e fiéis seguidores dos milagreiros recorrentes.

O sonho de beleza foi erodido - impiedosamente - pela avidez descontrolada e sem limites daqueles que nunca entenderam Brasília como um lugar para viver, mas para ganhar dinheiro, bem longe de qualquer preocupação ética. A generosidade do início desapareceu e uma cidade rude emerge no dia a dia.

O consumo coloca-se como uma rota escapista, sucedâneo de uma felicidade mais verdadeira. Se não podemos ser, vamos ter. Consumo e necessidade não se tocam. Consumo é acúmulo e insatisfação permanente. Isso também leva a frustrações. O espaço público é apropriado de forma predatória. A contumácia da transgressão, consagra-a como regra, pela ausência da contenção.

Pessoas não se cumprimentam, carros estacionam sobre os gramados, motocicletas transitam sobre as calçadas, garototes exibem sua musculatura tatuada, puxados por pitt-bulls, ferocidade gratuita; Jesus em parabrisas e parachoques, mas longe dos corações; medium vidente anuncia seus talentos em placas pregadas nas árvores; faixas estendidas nas quadras saudam o cachorrinho encontrado, o aniversário do familiar ou a volta de alguma criancinha da Disney, socialização do sentimento anônimo. Afinal, o espaço é público, ou não é?

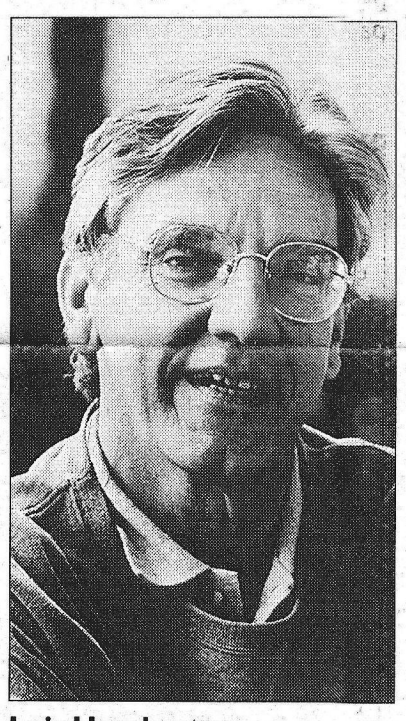
Mas só existem razões para tristeza? Não necessariamente. Assusta-nos a presença de vestígios que indicam uma grande indiferença pelos significados da cidade, indícios diluidores de uma possibilidade de construção coletiva, de acentuação de um individualismo que induz a transgressões de caráter infanto-juvenil brega, o que é mais preocupante: imaturidade e arrogância.

Futuro? Haverá futuro? Sempre haverá, mas indagamos sobre sua qualidade. O ano 2000 está aí. Isso soa mais como uma ameaça do que fato alvissareiro

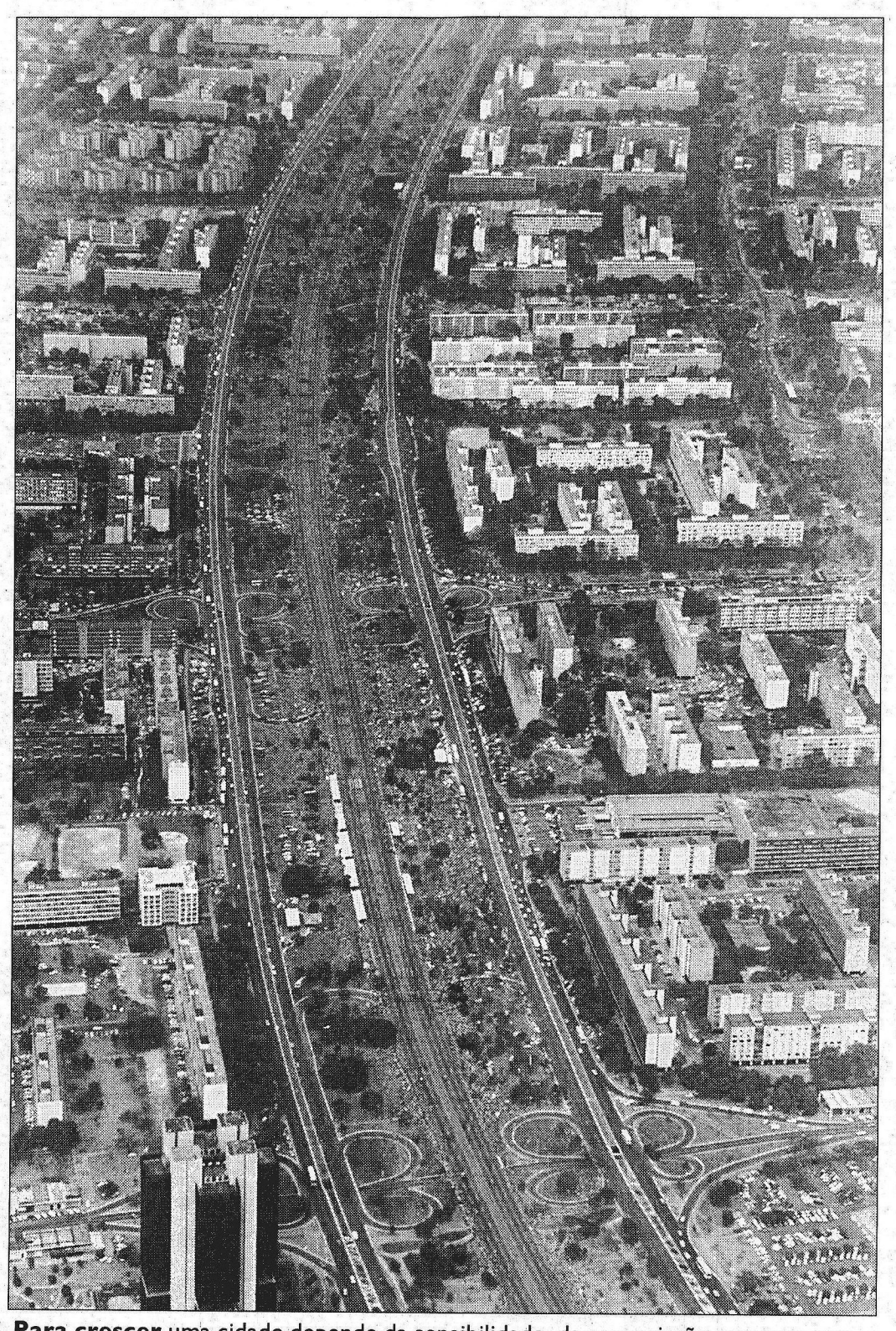
Fazer qualquer coisa séria no Brasil é sempre difícil, mesmo assim temos sobrevivido e continuamos construindo referências para o futuro.

Futuro? Haverá futuro? Sempre haverá, mas indagamos sobre sua qualidade.

O ano 2000 está aí. Isto soa mais como uma ameaça do que como um prognóstico alvissareiro. Ao mesmo tempo em que há o reconhecimento da necessidade de luta, experimentamos um incômodo sentimento de impotência. Os tempos mudaram, mas o homem continua explodindo bombas para garantir a paz, a matar outros homens para evitar o genocídio, ao mesmo tempo em que monta uma imensa vitrine com os mais recentes instrumentos para reinventar a morte. Brasília não está fora disso. A ameaça está na esquina. Bem pertinho.



Luis Humberto



Para crescer uma cidade depende da sensibilidade, da apropriação amorosa por parte dos seus habitantes e, sobretudo, de políticas públicas

LUIS HUMBERTO
Especial do JORNAL DE BRASÍLIA

■ **Luis Humberto** é fotógrafo e professor fundador da UnB